



UNIVERSIDADE
FERNANDO
PESSOA

O ÁRTICO NO SÉCULO XXI: ENTRE GRANDES POTÊNCIAS E A RACIONALIDADE GEOPOLÍTICA DO INTERESSE DOS EUA PELA GRONELÂNDIA

[The Arctic in the 21st Century: Competition Between Great Powers and the
Geopolitical Rationale of US Interest in Greenland]

Projeto de Graduação

[1º Ciclo de Estudos em Ciência Política e Relações Internacionais]

Julia Gonçalves Torres

Orientadora:

Doutora Cláudia Maria Novais Toriz da Silva Ramos

Junho 2026

O Ártico no Século XXI: Competição entre Grandes Potências e a Racionalidade Geopolítica do Interesse dos EUA pela Groenlândia

[The Arctic in the 21st Century: Competition Between Great Powers and the Geopolitical Rationale of US Interest in Greenland]

Projeto de Graduação
[1º CE de Ciência Política e Relações Internacionais]

Julia Gonçalves Torres

Orientadora:
Professora Doutora Cláudia Maria Novais Toriz da Silva Ramos

Junho 2026

©

Julia Gonçalves Torres

TODOS OS DIREITOS

RESERVADOS

O Ártico no Século XXI: Competição entre Grandes Potências e a Racionalidade Geopolítica do Interesse dos EUA pela Groenlândia

Julia Gonçalves Torres

Projeto de graduação apresentado à
Universidade Fernando Pessoa como parte
dos requisitos para obtenção do grau de
Licenciada em Ciência Política e Relações Internacionais,
sob orientação da
Professora Doutora Cláudia Maria Novais Toriz da Silva Ramos.

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha família, pelo apoio constante, e a todos aqueles que me incentivaram a compreender o mundo para além das suas fronteiras, reconhecendo a importância da análise geopolítica num contexto internacional em permanente transformação.

Agradecimentos

A realização deste trabalho representa não apenas a conclusão de uma etapa acadêmica, mas também o reflexo do apoio, dedicação e compreensão de várias pessoas ao longo deste percurso.

Gostaria de começar por expressar o meu sincero agradecimento à minha orientadora, pela sua disponibilidade, orientação e contributos fundamentais ao longo do curso.

À minha família, em especial aos meus pais e à minha irmã, pelo apoio incondicional, incentivo constante e, sobretudo, pela compreensão perante as exigências deste percurso. Agradeço profundamente todo o esforço, paciência e suporte diário, mesmo nos momentos de maior ausência, cansaço e dedicação extrema à vida académica e profissional.

Um agradecimento especial à minha prima, Paula, pela orientação, partilha de conhecimentos na área das Relações Internacionais e pelos contributos essenciais para a concretização deste trabalho.

Ao João, pelo apoio incansável, compreensão e companheirismo ao longo de todo este percurso. Pela sua disponibilidade em assumir responsabilidades, pelo incentivo constante e por estar sempre presente nos momentos mais exigentes, contribuindo de forma determinante para que eu pudesse conciliar todas as minhas responsabilidades académicas e profissionais.

A todos aqueles que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho, o meu sincero agradecimento.

Resumo

O Ártico tem-se tornado cada vez mais importante no mundo da política internacional no século XXI, principalmente devido às suas mudanças climáticas. O degelo progressivo da região, não só altera o seu equilíbrio ambiental, como também resulta em possíveis novas rotas marítimas e o acesso a recursos naturais que antes eram inalcançáveis. Essas mudanças permitem que o Ártico se torne uma área estratégica importante, onde grandes potências como Estados Unidos, Rússia e China apresentem cada vez mais interesse pela região. Neste contexto, este trabalho permite analisar o Ártico como um local onde a competição política tem vindo a aumentar, e onde fatores ambientais, económicos e militares se interligam. As mudanças do degelo, a instabilidade do permafrost e as mudanças no ecossistema, criam novas oportunidades para a exploração económica, especialmente na área de energia, mineração e pesca. Além disso, a abertura de novas rotas marítimas, como a Rota do Nordeste e a Passagem do Noroeste, introduzem novas possibilidades logísticas que podem transformar significativamente o comércio internacional. À medida que a região se tem tornado mais acessível, os países começam a apresentar maiores interesses. A Rússia, possuindo a maior parte do território no Ártico, investe significativamente em infraestrutura, exploração de energia e tecnologia de navegação, nomeadamente frota de navios quebra-gelo. Por outro lado, a China tem procurado afirmar-se como um ator importante na região, investindo em projetos de exploração e desenvolvimento. Os Estados Unidos, embora possuam uma presença mais limitada historicamente, tem vindo a reconhecer a importância estratégica do Ártico. É neste quadro que se insere a análise da Groenlândia enquanto elemento central da disputa geopolítica na região. A Groenlândia está localizada estrategicamente no Atlântico Norte, sendo fundamental para o controlo de rotas marítimas e sistemas de defesa e vigilância. Além disso, a ilha possui potencial em recursos naturais, incluindo minerais raros e energéticos, cuja exploração se torna cada vez mais viável com o degelo. A proposta de compra da Groenlândia pelos Estados Unidos, feita durante a administração de Donald Trump, não foi apenas uma ideia isolada, mas sim parte de uma estratégia mais ampla. Embora interpretada em debates políticos como uma excentricidade, a ideia pode ser entendida como parte das dinâmicas de competição entre grandes potências e da crescente importância do Ártico, tendo em consideração a teoria realista das relações internacionais. Em suma, este trabalho argumenta que o interesse dos Estados Unidos pela Groenlândia reflete uma racionalidade geopolítica consistente com os pressupostos do realismo nas Relações Internacionais. A tentativa de reforçar a presença na região, garantir acesso a recursos e conter a influência de rivais como a Rússia e a China é uma lógica que se encaixa com a teoria do realismo nas Relações Internacionais. Desta forma, o Ártico emerge como um novo espaço de disputa no sistema internacional, onde fatores ambientais e estratégicos convergem para redefinir as dinâmicas de poder no século XXI.

Palavras-chave: Ártico; Competição Política; Realismo; Groenlândia; Recursos Naturais

Abstract

The Arctic has been gaining increasing importance in international politics in the 21st century, primarily due to climate change. The progressive melting of ice in the region not only alters its environmental balance but also enables the emergence of new maritime routes and access to natural resources that were previously inaccessible. These developments are transforming the Arctic into a strategically significant area, attracting growing interest from major powers such as the United States, Russia, and China. In this context, this study examines the Arctic as a region where political competition is intensifying, and where environmental, economic, and military factors are deeply interconnected. The effects of ice melt, permafrost instability, and ecosystem changes are creating new opportunities for economic exploitation, particularly in the sectors of energy, mining, and fisheries. Furthermore, the opening of new maritime routes, such as the Northern Sea Route and the Northwest Passage, introduces new logistical possibilities that may significantly reshape global trade. As the region becomes increasingly accessible, states have shown heightened interest in it. Russia, which possesses the largest share of Arctic territory, has been investing heavily in infrastructure, energy exploration, and navigation technologies, particularly through the development of an advanced icebreaker fleet. Meanwhile, China has sought to establish itself as a relevant actor in the region by investing in exploration and development projects. The United States, although historically maintaining a more limited presence, has progressively recognized the strategic importance of the Arctic. Within this framework, Greenland emerges as a central element in the geopolitical competition in the region. Strategically located in the North Atlantic, it plays a crucial role in the control of maritime routes and in defense and surveillance systems. Moreover, Greenland holds significant potential in natural resources, including rare earth minerals and energy resources, whose exploitation is becoming increasingly viable due to the melting ice. The proposal to purchase Greenland by the United States during the administration of Donald Trump should not be understood merely as an isolated political idea, but rather as part of a broader strategic logic. Although widely interpreted in political debates as an eccentric proposal, it can be better understood within the dynamics of great power competition, as in the realist theory of international relations, and the growing geopolitical relevance of the Arctic. In conclusion, this study argues that the United States' interest in Greenland reflects a geopolitical rationality consistent with the assumptions of realism in International Relations. The effort to strengthen its presence in the region, secure access to resources, and contain the influence of rivals such as Russia and China aligns with a logic of power maximization and security. Thus, the Arctic emerges as a new arena of competition in the international system, where environmental and strategic factors converge to reshape global power dynamics in the 21st century.

Keywords: Arctic; Political Competition; Realism; Greenland; Natural Resources

Índice

ÍNDICE	iii
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – O Ártico no século XXI: Transformações e nova centralidade geopolítica	2
1.1. Caracterização do Ártico	2
1.2. Mudanças climáticas e degelo	3
1.3. Impactos ambientais, económicos e sociais.....	3
1.4. Recursos naturais e exploração económica.....	5
1.5. Novas rotas marítimas	6
CAPÍTULO II - O Ártico como Espaço de Competição entre Grandes Potências.....	8
2.1. Enquadramento teórico (realismo e geopolítica)	8
2.2. Competição entre Estados Unidos, Rússia e China	9
CAPÍTULO III – A Groenlândia e o Interesse Estratégico dos Estados Unidos.....	12
3.1. Importância da Groenlândia	12
3.2. A proposta de compra da ilha: Excentricidade política ou estratégia racional?.....	14
REFLEXÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS.....	19

Introdução

Durante muitos anos o Ártico foi visto como um espaço coberto de gelo, porém as alterações climáticas alteraram essa visão, transformando-o num espaço com maiores oportunidades, acessível e estratégico. O degelo progressivo na região permitiu acesso a novos recursos como petróleo, gás natural e minerais estratégicos, para além da abertura de novas rotas marítimas capazes de diminuir a distância entre Europa, Ásia e América do Norte. Essas transformações aumentaram os interesses de grandes potências, principalmente da Rússia, China e Estados Unidos. O Ártico passou por isso a ser visto como palco de competição entre grandes potências. Neste contexto, a Groenlândia destacou-se pela sua localização estratégica, pelos seus recursos naturais e pela sua importância para a segurança internacional.

O interesse dos Estados Unidos sobre a ilha não é atual, porém voltou a ganhar destaque quando o presidente Donald Trump demonstrou interesse na sua aquisição, durante o seu primeiro mandato presidencial em 2019 e bem assim atualmente. A proposta de compra gerou diversas críticas, porém a crescente importância do Ártico levou diversos analistas a questionar de que modo a proposta deve ser interpretada.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a importância estratégica do Ártico e compreender o que implica o interesse dos Estados Unidos pela região. O trabalho busca responder à questão se a tentativa de aquisição da ilha pelos Estados Unidos deve ser entendida como uma excentricidade política ou como escolha racional, à luz da teoria realista das relações internacionais.

A metodologia utilizada baseia-se numa pesquisa qualitativa, com análise bibliográfica e documental de artigos científicos, livros, documentos oficiais, notícias e outras fontes relacionadas com o Ártico, a Groenlândia e as relações internacionais. Como ferramenta de apoio de investigação, foram utilizados instrumentos de inteligência artificial, tal como o Notebooklm e o Gemini, permitindo organizar e relacionar informações.

O trabalho encontra-se dividido em três capítulos. O primeiro aborda a importância geopolítica do Ártico, as alterações climáticas, os recursos naturais e as novas rotas marítimas. O segundo analisa a competição entre Rússia, Estados Unidos e China, sob a perspectiva da teoria realista das relações internacionais. O terceiro centra-se na Groenlândia, na sua importância estratégica e na proposta de compra pelo presidente Donald Trump.

Capítulo I – O Ártico no século XXI: Transformações e nova centralidade geopolítica

1.1. Caracterização do Ártico

O Ártico é uma região polar localizada no extremo norte do planeta, situada entre os três principais continentes, nomeadamente a América, Europa e a Ásia, tal como podemos observar na figura 1. Essa região possui uma extensão de aproximadamente 21 milhões de quilómetros quadrados, sendo composta maioritariamente por água coberta de gelo (Arctic Council, s.d.)

O Ártico possui uma população de aproximadamente 4 milhões de habitantes, sendo a maioria comunidades indígenas (Arctic Council, s.d.). Para além das suas comunidades, o Ártico é rico em fauna e riquezas naturais, juntamente com quantidades significativas de petróleo, gás natural, estanho, ouro, níquel, chumbo e platina. Sendo muitas vezes alvo de disputas sobre tais recursos (Jacinto, 2014).

Com o objetivo de manter a cooperação entre os Estados da região, as comunidades indígenas e outras organizações com interesse na região, criaram o Conselho do Ártico. O Conselho do Ártico é um fórum intergovernamental, fundado em 1996, pelo, Canadá, Dinamarca, Estados Unidos, Finlândia, Islândia, Noruega, Rússia e Suécia (Guedes, 2015).

Apesar de não tratar diretamente de assuntos militares, o Conselho do Ártico desempenha um papel importante na governação da região, reunindo os principais Estados árticos e contribuindo para a manutenção do diálogo e da cooperação internacional.

Figura 1- Mapa geográfico do Ártico.



Fonte: Guia geográfico (s.d.)

1.2. Mudanças climáticas e o degelo na região

Tendo em consideração que a região Ártica é maioritariamente composta por gelo, as alterações climáticas e o consequente degelo constituem uma das principais transformações que afetam a região (AMAP, 2021).

O Ártico apresenta diferentes tipos de gelo, cuja a variação influencia diretamente a navegabilidade e a dinâmica ambiental da região (AMAP, 2021). As mudanças de temperatura fazem com que o gelo multianual derreta alterando a geografia da região podendo causar problemas na navegação e contribuindo cada vez mais no aquecimento global, visto que, a cobertura de gelo desempenha um papel de regulação térmica no planeta (IPCC, 2023).

Grande parte do solo do Ártico é composta por permafrost (AMAP, 2021), um conjunto de terra, gelo e rochas congeladas que, ao longo dos anos, acumulou elementos químicos como o carbono e metano. Estudos indicam que o nível de carbono acumulado ali armazenado, equivale ao dobro do existente atualmente na atmosfera (Badillo, 2025).

A libertação desses gases contribui para a retroalimentação climática, em que o aumento da temperatura provoca o degelo, que por sua vez liberta mais gases de efeito estufa, intensificando cada vez mais o aquecimento global. O processo de retroalimentação climática não se limita apenas a região Ártica, esse fenómeno possui implicações globais (AMAP, 2021).

1.3. Impactos ambientais, económicos e sociais

As transformações climáticas têm gerado um conjunto de impactos que ultrapassam a dimensão ambiental afetando estruturas económicas, sociais e políticas da região. O Painel intergovernamental sobre mudanças climáticas (IPCC) afirma que as principais causas das alterações climáticas vêm essencialmente de um estilo de vida que explora, intensivamente, combustíveis fósseis, estimulando o aumento exponencial da emissão de gases de dióxido de carbono, metano e óxido de nitroso (IPCC, 2023).

O degelo da camada do permafrost possui consequências claras na estabilidade de infraestruturas existentes. Grande parte de construções na região ártica, incluindo habitações, estradas e instalações industriais, tornam-se instáveis com o derretimento do solo, provocando o colapso das mesmas. A Rússia para lidar com esse problema instalou na região equipamentos de termossifões, um dispositivo de transferência de calor

projetado para remover o calor do solo durante o inverno, mantendo-o congelado e estável, impedindo o seu derretimento (Andreatta, 2021).

Do ponto de vista social, as comunidades indígenas são particularmente afetadas pelas mudanças climáticas. A alteração do ecossistema compromete atividades como a pesca e a caça, que são a base de muitas dessas comunidades (AMAP, 2021). Também podemos considerar a pesca como um fator importante no plano económico. Os aumentos das temperaturas das águas vêm provocado cada vez mais a migração dos peixes, alterando a pesca e criando conflitos entre Estados (Darous, 2022). Um exemplo que podemos considerar é a “guerra da cavala”, um conflito comercial, que ocorreu em 2010, entre a União Europeia e o Reino Unido de um lado, a Islândia e as Ilhas Faroé de outro (Davies, 2010). O conflito teve início com a migração de cavalas, como consequência das alterações climáticas, deslocando-se para águas mais ao norte, mais próximas da Islândia e das Ilhas Faroé, levando-os a reivindicar quotas de pesca mais elevadas deste peixe, contrariando a União Europeia e o Reino Unido, que tradicionalmente pescavam a maior parte desta espécie. O conflito ganhou maior escala quando a Islândia e as Ilhas Faroé começaram a ignorar acordos internacionais e as recomendações científicas sobre a sustentabilidade da espécie (Decisão (UE), 2019/407). Este caso demonstra como a alteração ambiental pode desencadear disputas económicas e políticas (Arctic Portal, 2018).

Outro impacto relevante está relacionado com os riscos de saúde pública, mais especificamente a proliferação de doenças (Darous, 2022). Existe uma série de bactérias e vírus congelados no permafrost que, com o aumento do degelo da região, podem ser expostas. Em 2016, na Sibéria, na península do Yamal, onde está localizado um centro de produção de gás da Rússia, houve um surto de Antrax, que levou a hospitalização de 96 pessoas. A bactéria, *Bacillus anthracis*, encontrava-se preservada no permafrost e foi liberada com o degelo (Dias, 2016). Estudos mostram que vírus armazenados por 30000 anos, uma vez descongelados, ainda podem infectar seres vivos. Esse tipo de ocorrência levanta preocupações quanto ao potencial surgimento de doenças, cuja natureza ainda é desconhecida (Gonçalves, 2022).

Podemos observar que os impactos do degelo na região afetam infraestruturas, populações, saúde pública e atividades económicas. Essas transformações reforçam a ideia de que o Ártico não é apenas um espaço em mudança, mas sim uma região onde

através dessas transformações podem surgir interesses estratégicos, contribuindo cada vez mais para a sua centralidade no sistema internacional (Jacinto, 2014).

1.4. Recursos naturais e exploração económica

O Ártico é rico em recursos naturais estratégicos, sobretudo gás natural, minerais e petróleo. Essas reservas não são totalmente exploradas, devido a dificuldades, tais como as condições climáticas severas, a falta de recursos administrativos, políticos e económicos, e ainda dificuldade de transporte ao acesso a essas zonas. Com o degelo, cada vez mais se torna possível a extração e a exploração desses recursos naturais. (Jacinto, 2014).

Cada Estado costeiro do Ártico possui diferentes reservas de recursos naturais. No caso dos Estados Unidos (Alasca), podemos encontrar uma das principais áreas de petróleo, gás natural, zinco, ouro e chumbo. O Canadá apresenta petróleo, gás natural, diamantes, urânio, ouro e níquel. A Noruega, para além do petróleo e o gás natural, a pesca, no mar de Barents, é de extrema importância. A Dinamarca (Groenlândia), possui terras raras, importante para a extração de zinco, ferro e ouro. A Rússia é o Estado com maior exploração energética do Ártico possuindo importantes reservas na Sibéria Ocidental, no Mar de Kara e Mar de Barents, nomeadamente petróleo e gás natural, para além de níquel, cobre, platina e ouro. Todos esses minerais encontrados nos Estados são importantes para a produção de tecnologia e energia (Jacinto, 2014). Um exemplo que podemos considerar sobre a exploração de gás natural liquefeito, é o projeto do Yamal, realizado pela Rússia (Merkulov, 2020; Chiyoda Corporation, s.d.).

O aumento da exportação desses recursos devido ao degelo, aumenta ainda mais a sua importância estratégica da região, juntamente com o aumento da possibilidade de conflitos e disputas geopolíticas. Para minimizar disputas criou-se a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, um tratado, que integra o direito marítimo internacional. (United Nations, 1982). Esse tratado deu origem a limitações como o Mar Territorial, a Zona Contígua, Zona Económica Exclusiva, Plataforma Continental e o Alto Mar, estabelecendo entre eles limites jurídicos.

1.5. Novas rotas marítimas

Grande parte do Ártico permanece coberta por gelo durante o ano, mas, como consequência das alterações climáticas e nomeadamente o degelo, surgem novas rotas marítimas. Podemos listar três rotas principais, sendo a primeira a Passagem do Nordeste, em seguida a Passagem do Noroeste, e por fim a Rota Transpolar (Leal, 2014), representadas na figura 2.

A passagem do Nordeste é a rota mais utilizada hoje, indo do Atlântico Norte, seguindo pela costa da Noruega, continuando paralelamente junto à costa russa até cruzar o Estreito de Bering (Leal, 2014). Esta rota pode encurtar a distância entre a Europa Setentrional e a Ásia Oriental em até três mil milhas náuticas (Hoc, 2022). Junto a esta rota, podemos observar também uma rota adjacente, a Rota do Mar do Norte, rota essa que não engloba parte do mar do Atlântico Norte, nem o mar de Barents. A Rota do Mar do Norte, foi definida pela legislação russa e cobre pouco mais de 5.600 km.

Os russos definiram as regras, limitações e autorizações para a navegação no Mar do Norte, tal como a obrigatoriedade de escolta por quebra-gelos russos e a exigência de autorização prévia para a navegação, especialmente se forem embarcações militares (Felipe, 2017). Essas regras russas levam a disputas internacionais, visto que o Estado defende que parte da rota se encontra sob sua jurisdição, com base no artigo 234 da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, no qual autoriza os Estados costeiros a adotar e aplicar leis não discriminatórias para prevenir, reduzir e controlar a poluição marinha dentro da sua zona económica exclusiva (United Nations, 1982).

Outra rota importante é a passagem do Noroeste, onde atravessa o norte do Canadá e a costa do Alasca. Essa rota reduz significativamente a distância entre o nordeste da Ásia e a Europa, se compararmos com trajetos tradicionais pelo Canal de Suez, porém sua navegação é limitada, sendo apenas possível durante um curto período no ano. Em muitos casos, a travessia requer a utilização de navios quebra-gelos. (Leal, 2014). Tal como a rota do Nordeste, essa passagem também apresenta disputas jurídicas, especialmente entre o Canadá e outros Estados que a consideram um estreito internacional (MacNeil, 2006).

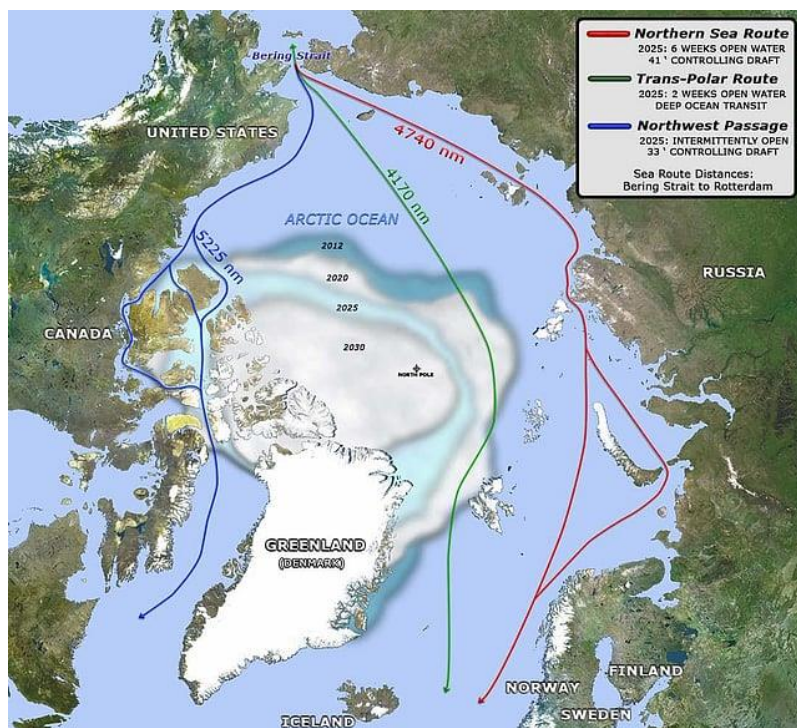
A rota transpolar atravessa o centro do oceano Ártico, sendo a rota mais curta, com cerca de 3.900 km, reduzindo significativamente a distância entre a Europa e Ásia. No entanto, ainda é pouco utilizada, devido a presença de gelo espesso e instável, a profundidade das águas e a limitação de infraestruturas de apoio para a navegação, fatores que dificultam a

sua utilização. Trata-se também da única rota que se desenvolve em alto-mar, ou seja, fora das zonas económicas exclusivas dos Estados costeiros, o que tende a reduzir potenciais conflitos na região (Borgerson, 2008).

As aberturas dessas rotas contribuem para menores tempos de viagem e de custos de transportes, descobertas de novas reservas de petróleo, gás natural e minerais, recursos esses essenciais para a economia nos países. No entanto essa oportunidade vem acompanhada de desafios, tais como segurança, falta de infraestrutura e disputas jurídicas.

Podemos concluir que as novas rotas marítimas no Ártico, não apenas proporcionam vantagens logísticas e económicas, mas também intensificam a competição geopolítica na região, tornando cada vez mais o Ártico um espaço estratégico (Leal, 2014)

Figura 2 - Novas rotas marítimas emergentes no Oceano Ártico.



Fonte: adaptado de Diário de Notícias (2025).

Capítulo II – O Ártico como Espaço de Competição entre Grandes Potências

2.1. Enquadramento teórico (realismo e geopolítica)

O realismo é uma das teorias principais das relações internacionais, baseada nas ideias de autores como Niccolò Machiavelli, Thomas Hobbes, Jean-Jacques Rousseau, John Mearsheimer e Stephen Waltz (Bueno, s.d.). Esta corrente é baseada na incansável busca pelo poder, centrando-se na ideia de que a sociedade internacional vive num sistema anárquico, ou seja, não existe nenhuma autoridade acima dos Estados (Sousa et al., 2022). Os Estados são considerados os principais atores internacionais, agindo de acordo com os seus próprios interesses, incluindo a sua sobrevivência, segurança e a manutenção do poder (Morgenthau, 1978; Mendes, 2019).

Segundo a perspetiva realista, a competição entre os Estados é uma característica do sistema internacional. Embora a cooperação entre Estados possa existir ela é limitada por cada interesse próprio, como questões de segurança, influência política ou acesso a novos recursos, tal como afirmava Morgenthau (1948) em *“Politics Among Nations”*.

Kenneth Waltz, em *“Theory of international politics”* em 1979, reforça essa perspetiva através do Neorrealismo, onde defende que a competição entre os Estados não resulta necessariamente da natureza humana, mas da própria estrutura do sistema internacional, um sistema anárquico (Mendes, 2019). Para ele, a estrutura internacional, é o fator determinante para explicar a política internacional. Nessa lógica, conseguimos compreender porque regiões como o Ártico, passam a assumir grande importância na política internacional.

Ainda nesta perspetiva, John Mearsheimer (2001), através da sua obra *“The Tragedy of Great Power Politics”*, renova a teoria realista, com base no realismo ofensivo. A teoria defende que os Estados estão constantemente à procura de oportunidades para aumentar o seu poder, podendo ser através de guerras ou invasões territoriais. (Sousa et al., 2022). Para Mearsheimer essa é a melhor forma de garantir a segurança. Esta interpretação revela-se útil para compreender o interesse dos Estados Unidos pela Groenlândia, num contexto marcado pela presença cada vez mais significativa da Rússia e da China no Ártico (Mearsheimer, 2001).

Apesar da sua capacidade explicativa, a teoria realista apresenta limitações quando aplicada no contexto internacional contemporâneo. A crescente interdependência

económica, o fortalecimento das organizações internacionais e as alianças políticas e militares, como a NATO e a União Europeia, fazem com que as decisões apenas pelo interesse nacional possuam custos diplomáticos. Por exemplo, uma estratégia considerada racional por um Estado pode gerar tensões com aliados, afetar relações económicas ou enfraquecer mecanismos de cooperação internacional. Assim, embora o realismo continue a constituir uma abordagem fundamental para compreender a dinâmica do sistema internacional, revela-se insuficiente para explicar, de forma isolada, a complexidade das relações internacionais contemporâneas (Mendes, 2019).

Para além do realismo, abordagens da geopolítica são igualmente fundamentais para compreender a competição na região Ártica (Mackinder, 1904). A geopolítica clássica busca analisar a relação entre a política e geografia, tendo em conta os interesses nacionais de cada Estado (Mendes, 2019). Nas últimas décadas, a região passou por alterações geográficas significativas, sobretudo devido ao degelo progressivo, dando acesso a novas rotas marítimas e à exploração de recursos naturais antes inexplorados (AMAP, 2021).

Para além disso, a região ocupa uma posição relevante, na qual conecta geograficamente a América do Norte, Europa e Ásia. Tendo em conta o acesso a novas rotas, a exploração de recursos e sua geografia, o Ártico torna-se cada vez mais um local estratégico (Leal, 2014).

Essa transformação contribui para a crescente competição entre as potências, como a Rússia, China e Estados Unidos, que procuram cada vez mais expandir a sua influência sobre o Ártico, através de recursos económicos, presença militar ou pelo desenvolvimento tecnológico (Leal, 2014).

2.2. Competição entre Estados Unidos, Rússia e China

Como demonstrado nos capítulos anteriores, o Ártico vem a despertar um maior interesse entre as grandes potências, devido ao degelo, a abertura de novas rotas marítimas e ao acesso mais facilitado de recursos. Essas oportunidades intensificam cada vez mais a competição pela região (Leal, 2014).

Atualmente, a Rússia é considerada a principal potência do Ártico, tendo 53% da sua costa localizada na região (Darous, 2022), essa presença geográfica lhe confere uma vantagem estratégica em relação aos outros Estados (Piccolli, 2017). Para além disso, o

país possui a maior infraestrutura na região, incluindo portos, bases aéreas, estações de radar, frotas de navios quebra-gelo, a maior frota do mundo, entre outras instalações menores (Presidente da Federação Russa, 2009).

O projeto Yamal, por exemplo, consiste na extração e liquefação de gás natural na Península do Yamal, tornando-se essencial para a economia russa. O projeto depende diretamente da rota do mar do Norte para transportar energia para os mercados asiáticos, especialmente a China (Chiyoda Corporation, s.d.).

Para além disso, a expansão das infraestruturas militares e logísticas, pelo Estado russo, procura acima de tudo proteger a Rota do Mar do Norte contra ameaças ocidentais, para além de aumentar a sua atividade económica na região (Piccolli, 2017).

Ao longo da costa russa do Ártico, foram desenvolvidos sistemas com capacidades de detetar e rastrear embarcações e aeronaves (Withington, 2024). À medida que se avança para o centro Ártico encontramos equipamentos russos mais sofisticados. Esses sistemas garantem a segurança do território e podem restringir acessos aéreos, marítimos ou terrestres da Nato ou dos Estados Unidos (Dias, 2024).

A China, por outro lado, não é um Estado Ártico, mas procura manter sua aproximação sendo um país observador no Conselho do Ártico. Seu interesse pela região surgiu em 1981 com a criação da “Administração Ártica e Antártica Chinesa” (CAA, s.d), uma instituição responsável pelas pesquisas científicas e a cooperação internacional nas regiões do Ártico e da Antártica (Silva, 2014).

O facto de não ser um Estado Ártico torna a sua presença na região limitada, levando os chineses a assinarem acordos bilaterais e multilaterais pela região, tais como a cooperação com a Rússia, parcerias com países nórdicos (AQSIQ, s.d.), o tratado de Svalbard (Svalbard museum, s.d.), acordo de pesca no Oceano Ártico Central ou até códigos e convenções globais (United Nations, 1982; Arctic Portal, 2018).

Para além da cooperação, interesses económicos e energéticos, a China procura integrar o Ártico na rota da Seda Polar, criando corredores comerciais entre a Ásia e a Europa, que irão reduzir a dependência das rotas tradicionais, como o Canal de Suez e o estreito de Malaca (The State Council Information Office of the People's Republic of China, 2018). A China também investe em navios quebra-gelos e em projetos de infraestruturas em países da região (R7 Notícias, 2025).

Os Estados Unidos são atualmente uma das principais potências globais e possuem sua proximidade com o Ártico através da compra do Alasca em 1867, embora desde o fim da

Guerra Fria, deixaram de priorizar tanto a região (Borgerson, 2008). Com o aumento das alterações climáticas e o crescente derretimento do gelo, a região passa a possuir grandes possibilidades de comércio, pontos estratégicos e extração de recursos. Entretanto, enquanto os Estados Unidos passaram anos atentos ao Médio Oriente e Indo-Pacífico, a Rússia e China aumentaram a sua presença na região (The White House, 2002).

Após o fim da Guerra Fria, os Estados Unidos adotaram no Ártico medidas de pesquisa científica e cooperação internacional, diminuindo sua presença militar na região (U.S. Navy, 2009). Após os anos 2000, o Estado passou a demonstrar maior interesse, tendo em 2009 o Departamento de Defesa dos EUA publicado a Política do Ártico, reconhecendo oficialmente a importância da região (U.S. Department of Defense, 2019). Este reposicionamento traduziu-se no reforço da sua presença através de infraestruturas, navios quebra-gelo e exercícios militares.

Com isso, podemos observar que todos os fatores contribuíram para uma maior competição na região, diante a isso, devemos considerar um dos pontos estratégicos mais importante, sendo a lacuna de GIUK. A lacuna de GIUK está localizada entre a Groenlândia, Islândia e o Reino Unido, onde dá espaço a navios e submarinos que viajam do oceano Ártico para o oceano Atlântico. Com o objetivo de conter a marinha soviética, essa passagem passa a ter muita importância para os Estados Unidos (Dodds, & Nuttall, 2016).

Podemos observar que a crescente presença da Rússia, China e dos Estados Unidos no Ártico demonstra que a região passou a ser nos últimos anos, um ponto de competição geopolítica. O degelo, o acesso às novas rotas marítimas e a disputa por recursos naturais transformaram a região em um dos cenários mais estratégicos do século XXI (Leal, 2014).

Capítulo III – A Groenlândia e o Interesse Estratégico dos Estados Unidos

3.1. Importância da Groenlândia

A Groenlândia, é a maior ilha do mundo, tendo uma parte substancial localizada no território Ártico (ver figura 3), sendo ela desde 1953 um território autónomo dinamarquês. Apesar de ser um território autónomo, a Groenlândia reforçou a sua autonomia ao longo das últimas décadas. A “Lei do Autogoverno de 2009” reconheceu o direito dos groenlandeses à autodeterminação, aumentando as questões de soberania da ilha (Denmark. Prime Minister’s Office, 2009).

Entretanto, o Reino da Dinamarca ainda possui controlo relativamente à política externa, defesa, segurança e à política monetária da região (Hendriksen & Hoffmann, 2025).

A ilha, assim como outras regiões, sofreu fortes alterações com as mudanças climáticas. O degelo progressivo facilitou cada vez mais o acesso a novos recursos e novas rotas marítimas. Com isso, foi possível a extração de recursos naturais como ouro, rubi, diamantes, cobre, petróleo e terras raras (Jacinto, 2014).

Para além dos recursos, a Groenlândia, está localizada próxima à lacuna de GIUK, e das novas rotas marítimas que surgem na região ártica (Sánchez, 2020). Essa localização estratégica permite uma maior relevância no comércio, na logística e na segurança internacional (Leal, 2014).

Apesar de possuir um grande potencial económico, a ilha apresenta limitações, devido principalmente à sua pequena população e a forte dependência da pesca. Essas limitações aumentam a dependência de investimentos estrangeiros, tornando a ilha mais aberta a cooperação internacional e ao interesse de investidores estrangeiros (Hendriksen, & Hoffmann, 2025).

Outro elemento que reforça a sua importância estratégica é a presença da Base de Pituffik, conhecida antes como base de Thule (BBC News Brasil, 2025). Esta é uma instalação militar americana que desempenha um papel crucial na defesa dos Estados Unidos e da NATO. A sua localização permite acompanhar potenciais ameaças no Ártico e reforçar a segurança americana e de seus aliados (U.S. Space Force, s.d.).

Sob uma perspetiva realista (Morgenthau, 1978), a base de Pituffik constitui um ativo estratégico essencial para a projeção de poder dos Estados Unidos no Ártico (Dodds & Nuttall, 2016).

Diante desses fatores estratégicos, como o acesso a recursos naturais, a localização estratégica, a presença militar norte-americana e o acesso a novas rotas marítimas, a Groenlândia tornou-se um território de alto interesse para diversas potências. Do ponto de vista realista, esses fatores, aumentam a capacidade de projeção do poder dos Estados (Borgerson, 2008).

Neste contexto, a China considera que a ilha possui um grande valor estratégico e económico, procurando investir na região, através de aeroportos, portos, estradas, eletricidade e até mesmo água potável (Silva, 2014). A Rússia é outro ator internacional que procura aumentar sua influência na Groenlândia através de capacidades estratégicas. (Andreatta, 2021). Já os Estados Unidos são os atores que historicamente mais deram importância à área e demonstraram forte interesse na região (Lamazhapov, 2024).

Em suma, a importância da ilha ultrapassa a dimensão territorial, apresenta fatores estratégicos, económicos e políticos, que aumentam o interesse na região (Borgerson, 2008). Do ponto de vista realista das relações internacionais, essas características ajudam a explicar porque a Groenlândia passou a ser do interesse de diversos Estados, em particular, dos Estados Unidos (Mearsheimer, 2001).

Figura 3 - Localização estratégica da Groenlândia no contexto do Oceano Ártico.



Fonte: adaptado de BBC News Brasil (2025)

3.2. A proposta de compra da ilha: Excentricidade política ou estratégia racional?

Desde 1867 que os Estados Unidos expressam interesse na aquisição da ilha. Desde então, o país manteve uma relação próxima à Groenlândia, principalmente no plano militar, sendo o único país estrangeiro a possuir uma base militar instalada em Pituffik, base essa com radares e controlo de satélites, com capacidade de deteção de ameaças aéreas e balísticas (Borgerson, 2008). Esses equipamentos são necessários para a proteção da América em caso de ataques. Com isso, o Presidente Donald Trump, afirma que a proteção da ilha é crucial para a defesa dos Estados Unidos (BBC News Brasil, 2025).

Em agosto de 2019, Donald Trump manifestou interesse na compra da ilha da Groenlândia, descrevendo-a como importante para a defesa dos Estados Unidos (Pengelly, 2019). A proposta apresentada, representa a manifestação de um interesse estratégico, que acompanha o país há mais de um século.

As alterações climáticas, a abertura de novas rotas marítimas, a exploração de recursos minerais e a competição entre as grandes potências contribuem cada vez mais para um forte interesse sobre a ilha (Leal, 2014)

Apesar da reação negativa à proposta de compra pelo Presidente Donald Trump, por líderes europeus e pela imprensa internacional, a proposta revelou uma lógica coerente com os pressupostos da teoria realista das relações internacionais. Segundo a teoria, os Estados procuram aumentar a sua segurança e proteger os seus interesses nacionais num sistema internacional anárquico (Mearsheimer, 2001).

Apesar de já terem existido cenários onde houve compra de territórios pelos Estados Unidos, não cabe ao Presidente decidir sozinho e desembolsar o dinheiro para a compra. Segundo a constituição americana, o Presidente não possui autoridade sozinho para realizar a compra de territórios estrangeiros, uma vez que, o congresso americano detém competências legislativas e controlo sobre as despesas públicas. (United States, 1787). No caso da compra da Louisiana, realizada em 1803, por Thomas Jefferson, a aquisição só foi concretizada após a aprovação política e financeira das instituições americanas (United States, 1787).

Durante o mandato de Joe Biden (2021-2025), a proposta de compra da ilha desapareceu, porém, o interesse pela região permaneceu (The White House, 2022). Biden reforçou a presença diplomática, reforçou a cooperação com a Dinamarca e a Groenlândia e fortaleceu a segurança no Ártico (U.S. Department of Defense, 2022).

Com o regresso de Donald Trump no segundo mandato em 2025, foi retomado o discurso sobre a proposta de compra da Groenlândia (Zengerle, 2025). Neste novo contexto, as declarações passaram a assumir um tom mais firme, evoluindo de uma proposta inicialmente interpretada como simbólica, para uma posição mais assertiva num plano político estratégico (The White House, 2022).

Para o Presidente, a aquisição da Groenlândia iria representar uma oportunidade de ampliar seus interesses estratégicos, como o controlo das novas rotas marítimas, da lacuna de GIUK e recursos minerais, limitando cada vez mais a influência da China e da Rússia na região, alegando sempre que a Europa está despreparada para enfrentar essas potências (Hoc, 2025).

A proposta de compra da Groenlândia, foi vista em agosto de 2019, como “absurda” pela primeira-ministra dinamarquesa, “irrealista” pelas autoridades dinamarquesas e groenlandesas; e “colonial” de acordo com interpretações jornalísticas. A ideia foi analisada como sendo inviável no século XXI, devido a limitações jurídicas, oposição das autoridades groenlandesas e dinamarquesas e principalmente em função do princípio de autodeterminação dos povos (Al Jazeera, 2019).

Porém quando analisada do ponto de vista geopolítico e estratégico, tendo em conta a evolução histórica dos Estados Unidos, podemos observar que a proposta se revela mais racional do que excêntrica (Borgerson, 2008).

Henzi Ozi Cukier (WiseCuts, 2026) argumenta que a aquisição da ilha poderia representar um alívio económico e administrativo para o Reino da Dinamarca, uma vez que a ilha precisa ser desenvolvida e o Reino não possui recursos para tais desenvolvimentos. Porém, enquanto território autónomo do Reino da Dinamarca a decisão de venda, a existir, deveria vir da vontade dos Groenlandeses e, para isso, deveriam estar independentes da Dinamarca, o que não aparenta ser um desejo da população groenlandesa no momento.

O presidente Donald Trump não rejeita a ideia de utilizar meios coercivos para conquistar a ilha. Essa visão é amplamente criticada, sendo considerada incompatível com os princípios de soberania, autodeterminação dos povos e cooperação entre aliados, visto que os dois países fazem parte da NATO (NATO, 1949).

O cientista político Henzi Ozi Cukier (Hoc, 2025) argumenta que existiriam outros meios para essa aquisição, não sendo através da abordagem por meios coercivos, mas sim com a realização de acordos com as autoridades groenlandesas e o Reino da Dinamarca,

permitindo que os Estados Unidos possam reforçar sua presença militar, económica e estratégica na ilha.

A proposta de Donald Trump pode ser interpretada não apenas como uma iniciativa peculiar, mas também, do ponto de vista estratégico, como uma manifestação da crescente importância geopolítica do Ártico e da Groenlândia no século XXI (Borgerson, 2008).

Embora o realismo apresente limitações enquanto modelo explicativo deste caso, a proposta de compra da ilha, pode ser considerada racional do ponto de vista da segurança e dos interesses nacionais. Porém a sua concretização levaria a custos políticos e estratégicos elevados. As tensões geradas com a Dinamarca, as críticas por parte da União Europeia e as implicações para a coesão da Nato demonstram que decisões enquadradas numa lógica realista podem, no contexto atual, produzir efeitos contrários aos interesses do próprio Estado. Este caso evidencia, as limitações do realismo enquanto modelo explicativo das relações internacionais (Dodds & Nuttall, 2016).

Reflexões Finais

Ao longo deste trabalho foi possível compreender que o Ártico deixou de ser uma região coberta de gelo para assumir uma posição cada vez mais central na geopolítica e na competição internacional no século XXI. As alterações climáticas e o degelo criaram novas oportunidades, como o acesso a novos recursos e o surgimento de novas rotas marítimas.

Essas transformações não só trouxeram oportunidades económicas, mas também impactos ambientais, sociais e consequências políticas, sendo que grandes potências procuraram influenciar a região.

Neste contexto, a Rússia tem procurado consolidar sua influência através de infraestruturas militares e energéticas, enquanto a China (como Estado observador do Ártico) se afirmou por meio de investimentos, cooperação e com a sua estratégia da rota da seda polar. Já os Estados Unidos demoraram um pouco para reconhecer a importância da região, mas, tendo notado crescimento da influência russa e chinesa, procuraram recuperar a sua influência, que ficara esquecida com o fim da Guerra Fria.

Neste cenário, a Groenlândia ganhou maior visibilidade, se destacando, cada vez mais, como território relevante no Ártico. A sua localização estratégica, a proximidade à lacuna de GIUK, as novas rotas marítimas e o seu potencial de exploração de recursos naturais e energéticos, contribuíram para intensificar a competição entre as grandes potências.

Diante das oportunidades que a Groenlândia oferece, surgiu a proposta de compra da ilha pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em agosto de 2019. Este trabalho permitiu concluir que a proposta, apesar das críticas e da forte rejeição política, do ponto de vista geopolítico e estratégico, pode não ser entendida como excentricidade, quando observada pelo ponto de vista da teoria realista das relações internacionais. O controlo das rotas marítimas, da lacuna de GIUK, o acesso a novos recursos e a contenção da influência de outras potências são objetivos compatíveis com a lógica realista.

Contudo, importa considerar também os constrangimentos do sistema internacional contemporâneo, nomeadamente o respeito pela soberania estatal, a autodeterminação dos povos, as limitações impostas pelo direito internacional e a oposição política das autoridades groenlandesas e dinamarquesas, fatores que tornam a concretização de uma eventual aquisição territorial altamente improvável.

Desta forma, podemos observar que a questão central do trabalho foi respondida: o interesse dos Estados Unidos pela Groenlândia está inserido mais no reforço da sua posição no Ártico do que numa simples questão de conquista territorial.

Por fim, podemos concluir nas palavras de Dodds e Nuttall (2026): “a evolução das alterações climáticas, a exploração de recursos naturais, a abertura de novas rotas marítimas e a crescente rivalidade entre grandes potências continuarão a moldar o futuro da região”.

Referências

- Al Jazeera. (2019, agosto 19). Danish PM: Trump's idea of buying Greenland is 'absurd'. Al Jazeera. <https://www.aljazeera.com/news/2019/8/19/danish-pm-trumps-idea-of-buying-greenland-is-absurd>
- AQSIQ. (s.d.). *China-Norway free trade agreement*. <https://www.aqsiq.net/fta/china-norway>
- Arctic Council. (s.d.). *Arctic Council*. <https://arctic-council.org/>
- Arctic Monitoring and Assessment Programme. (2021). *Arctic Climate Change Update 2021: Key Trends and Impacts*. AMAP. <https://www.amap.no/documents/doc/arctic-climate-change-update-2021-key-trends-and-impacts.-summary-for-policy-makers/3508>
- Arctic Portal. (2018). *Agreement to prevent unregulated high seas fisheries in the Central Arctic Ocean*. https://library.arcticportal.org/2858/1/Central_Arctic_Ocean_Fisheries_Agreement.pdf
- Andreatta, A. L. P. (2021, agosto 24). *Os planos da Rússia para o Ártico*. Relações Exteriores. <https://relacoesexteriores.com.br/andreatta-planos-da-russia-para-o-artico/>
- Badillo, B (2025, novembro 26). O permafrost do Ártico esconde uma “bomba de metano”. National Geographic Portugal. https://www.nationalgeographic.pt/meio-ambiente/permafrost-artico-esconde-bomba-metano-agora-sabemos-que-nao-e-tao-facil-que-ela-exploda_6644
- BBC News Brasil. (2025, Março 28). Pittufik, a estratégica base militar dos EUA na Groenlândia no centro da polémica sobre visita de vice-presidente J.D. Vance. *BBC News Brasil*. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c2lj0jkjgo>
- Borgerson, S. G. (2008). Arctic Meltdown: The Economic and Security Implications of Global Warming. *Foreign Affairs*, 87(2), 63-77.
- Bueno, G. (s.d.). *Realismo: Conceito e teoria*. ESRI <https://esri.net.br/realismo-conceito-teoria/>
- Chinese Arctic and Antarctic Administration. (s.d.). Chinese Arctic and Antarctic Administration (CAA), China. *Ny-Ålesund Research Station*. <https://nyalesundresearch.no/members/chinese-arctic-and-antarctic-administration-caa-china/>
- Chiyoda Corporation. (s.d.). *Yamal LNG project (Train 1, 2, 3)*. <https://www.chiyodacorp.com/en/projects/yamal-nenets.html>
- Darous, J. P. (2022, outubro 16). Geopolítica do Ártico. O UFRJ consulting club. <https://www.consultingclub.com.br/post/geopol%C3%ADtica-do-%C3%A1rtico>
- Davies, C. (2010, Agosto 24). Primeiro o céu e agora as cavalas. *Voxerop*. <https://voxeurop.eu/pt-pt/primeiro-o-ceu-e-agora-as-cavalas/>

Decisão (UE) 2019/407, de 4 de março de 2019, do Conselho, relativa à celebração, em nome da União Europeia, do Acordo de Prevenção da Pesca Não Regulamentada no Alto-Mar no Oceano Ártico Central. (2019). Jornal Oficial da União Europeia: L 73, pp. 1–2. <https://eur-lex.europa.eu/PT/legal-content/summary/agreement-to-prevent-unregulated-high-seas-fisheries-in-the-central-arctic-ocean.html>

Denmark. Prime Minister's Office. (2009). *Act on Greenland Self-Government (Act No. 473 of 12 June 2009)*. <https://english.stm.dk/media/4vgewyoh/gl-selvstyrelse-uk.pdf>

Dias, G. D. O. (2024). *Militarização do Ártico: Estratégias dos Estados Unidos da América e da Rússia entre os anos 1991 e 2022* [Dissertação não publicada, Escola de Guerra Naval]. Repositório da Marinha do Brasil.

Dias, M. R. (2016, Agosto 02). Rússia: Surto de antraz mata criança na Sibéria. *EuroNews*. <https://pt.euronews.com/2016/08/02/russia-surto-de-antraz-mata-crianca-na-siberia>

Dodds, K., & Nuttall, M. (2016). *The scramble for the poles: The geopolitics of the Arctic and Antarctic*. Polity Press (2016) <https://content.e-bookshelf.de/media/reading/L-4210736-723717eccc.pdf>

Filipe, G. M. D. (2017). *A Rússia, a China e o Ártico: a navegabilidade na Northern Sea Route* [Dissertação de mestrado, não publicado, Universidade do Minho]. RepositórioUM da Universidade do Minho. <https://repositorium.uminho.pt/server/api/core/bitstreams/f8c2078c-a1df-4115-8c5f-15cf10ce17a4/content>

Gonçalves, P. (2022, Novembro 30). Passados 30.000 anos um vírus é ressuscitado no permafrost siberiano. *Meteored Portugal*. <https://www.tempo.pt/noticias/actualidade/passado-30-000-anos-um-virus-e-ressuscitado-no-permafrost-siberiano-pithovirus-sibericum.html>

Guedes, A. M. (2015). *O Conselho do Ártico*. *JANUS*. 3.30, 160-161. https://janusonline.pt/images/anuario2015/3.30_ArmandoMGuedes_ConselhoArtico.pdf

Guia Geográfico. (s.d.). *Mapa do Ártico*. <https://www.guiageografico.com/artico/mapa.htm>

Hendriksen, K., & Hoffmann, B. (2025). Greenland – a distinctive island operation economy - contextual challenges in comparing across societies. *Polar Record*. <https://doi.org/10.1017/S0032247424000202>

Hoc, P. (2022). *A Geopolítica do Ártico* [Vídeo]. YouTube. https://youtu.be/c_5IiKTaMNo?si=pm1mfwZQHxcYknEt

Hoc, P. (2025). *Trump vai invadir a Groenlândia?* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=6QsyjD2DwGY&t=1830s>

IPCC-Intergovernmental Panel on Climate Change. (2023). *Climate Change 2023: Synthesis Report*. IPCC. <https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/>

Jacinto, C. S. C. (2014) Guerras pelos Recursos: O caso do Ártico [Dissertação de Mestrado]. Repositório Institucional Universidade de Évora. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/18304/1/Carla%20Sofia%20Carreira%20Jacinto.pdf>

Lamazhapov, E. (2024). *Trump's vision for Greenland and the emerging world order*.

Leal, J. L. R. (2014). *Geopolítica do Ártico no século XXI*. Letras Itinerantes.

MacNeil, G. (2006, January 01). The Northwest Passage: Sovereign Seaway or International Strait? *A Reassessment of Legal Status*. *Dalhousie Journal of Legal Studies*, 15, 204-238. <https://digitalcommons.schulichlaw.dal.ca/cgi/viewcontent.cgi?article=1246&context=djls>

Mackinder, H. J. (1904). The geographical pivot of history. *The Geographical Journal*, 23(4), 421–437. <https://www.jstor.org/stable/1775498>

Mearsheimer, J. *The Tragedy of Great Power Politics*. New York: W. W. Norton & Company.

Mendes, P. E. (2019). *As teorias principais das relações internacionais: Uma avaliação do progresso da disciplina*. *R:I - Relações Internacionais*, 61, 96-99. <https://doi.org/10.23906/ri2019.61a08>

Merkulov, V. I. (2020). Analysis of Russian Arctic LNG projects and their development prospects. *IOP Conference Series: Materials Science and Engineering*, 940, Artigo 012114. <https://doi.org/10.1088/1757-899X/940/1/012114>

Morgenthau, H. J. (1978). *Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace* (5th ed.). New York: Alfred A. Knopf.

NATO. (1949). *The North Atlantic Treaty*. North Atlantic Treaty Organization.

Piccolli, L. (2017). *O posicionamento russo no Ártico: Entre ímpetos econômicos e de segurança*. https://janusonline.pt/images/anuario2017/1.9_LarleciannePiccolli_PosicionamentoRussoArtico.pdf

R7 Notícias. (2025, Outubro 6). O que é a rota da seda polar e por que o derretimento do Ártico interessa à China. *R7 Notícias*. <https://noticias.r7.com/internacional/o-que-e-a-rota-da-seda-polar-e-por-que-o-derretimento-do-artico-interessa-a-china-06102025/>

Sánchez, B. C. (2020, novembro 19). ¿Por qué Groenlandia es un factor estratégico en el Ártico? Documento de Opinión 148/2020, Instituto Español de Estudios Estratégicos (IEEE), Ministerio de Defensa de España.

Silva, A. P. da. (2014). A China também olha para o Ártico. *Austral: Revista Brasileira de Estratégia & Relações Internacionais*, 3(6), 95-117.

Sousa, F., Mendes, P. E., Freitas, G. de F., Ferreira, D., Rocha, R. & Tavares, A. (Eds.). (2022). *Dicionário de ciência política e relações internacionais*. Coimbra: Edições Almedina.

Svalbard Museum. (s.d.). *The Svalbard Treaty*. Svalbard Museum. <https://svalbardmuseum.no/en/the-svalbard-treaty>

The State Council Information Office of the People's Republic of China. (2018). *China's Arctic policy*. https://english.www.gov.cn/archive/white_paper/2018/01/26/content_281476026660336.htm

The White House. (2022). National Strategy for the Arctic Region. The White House. <https://bidenwhitehouse.archives.gov/wp-content/uploads/2022/10/National-Strategy-for-the-Arctic-Region.pdf>

United Nations. (1982). United Nations Convention on the Law of the Sea. *United Nations Treaty Series*. <https://www.unclos.org/>

U.S. Department of Defense. (2019). 2019 DoD Arctic Strategy. Department of Defense. <https://media.defense.gov/2019/jun/06/2002141657/-1/-1/1/2019-dod-arctic-strategy.pdf>

U.S. Department of Defense. (2022). DoD establishes Arctic Strategy and Global Resilience Office. War.gov. <https://www.war.gov/News/News-Stories/Article/Article/3171173/dod-establishes-arctic-strategy-and-global-resilience-office/>

U.S. Department of Defense. (2024). *2024 Department of Defense Arctic strategy*. <https://media.defense.gov/2024/Jul/22/2003507411/-1/-1/0/dod-arctic-strategy-2024.pdf>

U.S. Navy. (2009). *U.S. Navy Arctic roadmap*. <https://www.govinfo.gov/content/pkg/GOVPUB-D201-PURL-gpo7867/pdf/GOVPUB-D201-PURL-gpo7867.pdf>

U.S. Space Force. (s.d.). Pituffik Space Base – Greenland. Peterson & Schriever Space Force Base. <https://www.petersonschriever.spaceforce.mil/Pituffik-SB-Greenland/>

United States. (1787). *Constitution of the United States of America*. United States Government.

WiseCuts. (2026). *A importância da Groenlândia para o domínio mundial - Professor Hoc* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=y0lqi2qkkaM>

Withington, T. (2024, setembro 4). Sopka-2 radar update: Electronic warfare. *Armada International*. <https://www.armadainternational.com/2024/09/sopka-2-radar-update-electronic-warfare/>

Zengerle, P. (2025, Março 5). Trump to the people of Greenland: “We will make you rich”. Reuters. <https://www.reuters.com/world/trump-people-greenland-we-will-make-you-rich-2025-03-05/>

